

SEVERINO FRANCISCO

JORNAL DE BRASÍLIA

30 ABR 1998

QF-Brasília

# Samba se aprende no colégio

ESCOLA DE CHORO DE BRASÍLIA RETOMA O ESPÍRITO DE INOVAÇÃO QUE INSPIROU O PROJETO DE CRIAÇÃO DA CIDADE

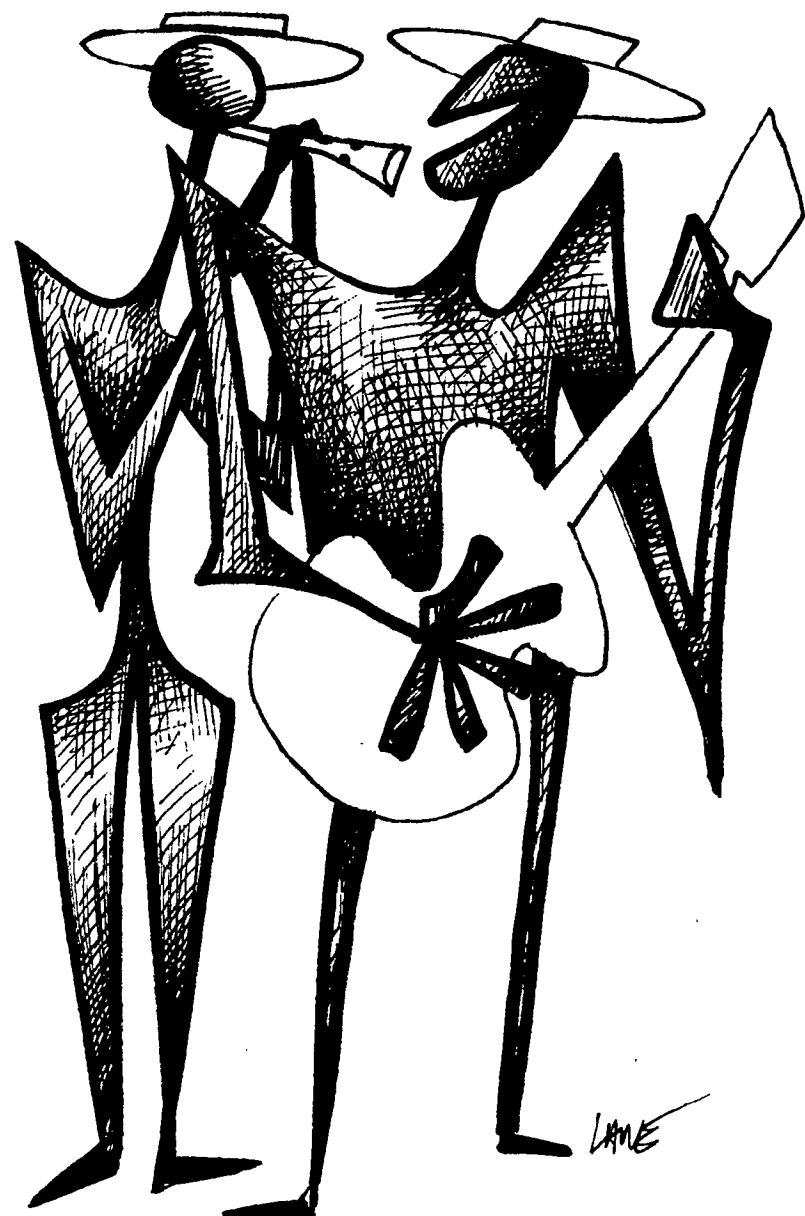
Noel Rosa, o genial compositor e poeta de Vila Isabel, sentenciou em uma de suas canções antológicas: "Não se aprende samba no colégio". Noel era um bamba da rima, mas o verso não resiste à prova de realidade. Na Bahia, o projeto Axé está educando crianças em situação de risco com o afro-batuque dos tambores da Bahia. É preciso desmistificar de uma vez por todas esse preconceito de que a escola é (necessariamente) uma coisa chata, um lugar onde não se aprende coisas agradáveis. Se é, não deveria ser.

Brasília foi concebida para ser um centro de experimentação e de excelência na educação. A capital seria uma referência na educação para todo o País. As cabeças mais antenadas do País foram convocadas. Com o regime militar de 64, todo esse processo de efervescência na educação foi estancado. Entretanto, Brasília sempre foi espaço de iniciativas originais. Movido pelo mesmo espírito de audácia dos tempos primevos da cidade, eis que surge em Brasília, numa iniciativa do Clube do Choro, a Escola de Choro Raphael Rabelo, a primeira do gênero no País.

A história da cidade está fortemente ligada à história do chorinho. Grandes nomes do choro moraram na cidade: Waldir Azevedo, Bide da Flauta (parceiro de Pixinguinha), Ave- na de Castro, Rossini Ferreira, Pernambuco do Pandeiro, Odete Ernest Dias. O Clube do Choro nasceu na casa de Odete, uma francesa com sensibilidade brasileiríssima, que tocou com Pixinguinha e outras feras da música popular brasileira.

A Escola de Choro Raphael Rabelo pode cumprir uma função essencial de preservar e, ao mesmo tempo, jogar o choro para frente, como fizeram Armandinho Macedo, Paulinho da Viola, Nô em Pingo D'Água e mesmo os Novos Baianos. Os primeiros vestígios de choro datam de 130 anos. Durante todo esse tempo, o choro passou de geração em geração, de forma quase que espontânea, de pai para filho, de amigo para amigo, nas rodas de choros dos saraus e dos bares. Bandolim, cavaquinho e pandeiro não costumam entrar nas escolas de música com reconhecimento de instrumentos do choro.

Maurício Carrilho, um dos bambas da música instrumental brasileira no momento, é o autor do método do ensino a ser adotada pela Escola de Choro. Ele tomou como referencial do seu método a experiência musical dos grandes mestres do choro (Pixinguinha, Ernesto Nazareth, Abel Ferreira, Jacob do Bando-



lim, Waldir Azevedo) e adaptou para cada instrumento. Para quem não sabe, Maurício Carrilho é considerado um dos maiores violonistas e arranjadores em atividade no País. Tocou com o tio Altamiro Carrilho, com Nara Leão, Radamés Gnatalli, Chico Buarque.

Em um momento de massificação quase absoluta dos meios de informação, onde é que um adolescente pode entrar em contato com o choro? A Escola abre uma possibilidade de se entrar em contato com a tradição do choro. Os professores são grandes músicos de choro de todo o País. O bandolinista Hamilton de Hollanda, do Dois de Ouro, um dos professores, é reconhecido nacionalmente como um dos virtuosos do seu instrumento. A Escola de Choro deveria estar dentro das escolas tradicionais. É a maneira de tornar a escola uma espaço vivo e criador.

No livro *Tchau Mãe*, o fotógrafo italiano Oliviero Toscani, que vem deflagrando uma renovação radical na publicidade, relata sua experiência na Escola. Ele conta que se interessava infinitamente muito mais pelo que acontecia fora da janela de sua classe do que pelo que acontecia

dentro: "Sabia de tudo sobre os pombos que pousavam na sacada, seus hábitos e migrações". E em outro trecho, ele escreve: "- Quem tem muita vontade de aprender, geralmente ensina muitas coisas, mas poucos professores estão dispostos a aprender. Então, freqüentemente, e foi este o meu caso, a escola é o único e verdadeiro momento de tédio na vida de um jovem. Eu jamais sinto tédio, mas creio ter provado, na escola secundária, aquela sensação particular que une o desinteresse à consciência de estar perdendo tempo".

E como seria uma escola realmente interessante para um jovem? Com a palavra Oliviero Toscani: "A escola deveria ser como o cinema, deveria atrair quem a freqüenta, não rechaçar. Deveria provocar curiosidade". Ou seja, a escola é o espaço ideal para se aprender não apenas música, mas também teatro, cinema, artes. É preciso inverter e subverter a máxima de que escola é um lugar de tédio e perda de tempo. Se houvesse mais acesso efetivo às artes nas escolas, com certeza, haveria menos violência. A Escola de Choro é um exemplo de como se pode aprender samba no colégio.